

Linguagem e trabalho de criação no romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector

*Vanderlei Kroin**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo trazer algumas considerações a respeito do trabalho de criação, linguagem e fazer literário presentes no romance *A maçã no escuro* de Clarice Lispector. Nesta obra a autora desvela as relações entre o homem e a linguagem, o qual constrói-se nela e a partir dela. Traz à tona também próprio processo de criação literária, como um trabalho de “descortinar” o mundo. Através do trabalho de apropriação da linguagem o homem operou sua evolução e criou toda uma rede de relações com o outro, com o mundo e consigo mesmo, daí a necessidade de voltar-se filosoficamente, de maneira reflexiva à linguagem: é o que faz Martin, é o que faz Lispector, é o que se espera do leitor ao contato com a narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Fazer literário; Sujeito; Trabalho de criação.

ABSTRACT

This article wants to bring considerations on creative work, language and literary work in the novel *A maçã no escuro* by Clarice Lispector. In this work, the author shows the relation between men and language, since men builds himself in and through language. It also considers the process of literary creation as a work of unveiling the world. Through appropriation of language has men evolved and created a net of relations with the others, with the world and with himself, thus the need of turning philosophically towards language: that is what Martin does, that is what Lispector does, and that is what is expected from the reader in the novel.

KEYWORDS: Language; Literary work; Subject; Creative work.

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, PR, Brasil. Bolsista CAPES. vanderleikroin@gmail.com

Introdução

O trabalho com a linguagem, lapidando-a, orquestrando os sintagmas, organizando o texto esteticamente é o que caracteriza o sistema da literatura. O escritor é um sujeito curioso, inquieto, cujo texto se concretiza ao final de um complexo processo criacional que soma inspiração e transpiração. É, ao mesmo tempo, um trabalho intelectual e de imaginação, que vai descortinando o mundo, tanto de quem escreve como de quem tem contato com a obra, o leitor.

O homem constrói-se e descobre-se por meio da linguagem e alcança com maior propriedade esse conhecimento de si mesmo e do mundo por meio da linguagem artística, da literatura. Dotado de intelectividade o ser humano constrói também o mundo, torna-se o próprio Deus criador. Esta é a essência da obra *A maçã no escuro* de Clarice Lispector.

Nesta obra Martim, o protagonista confunde-se com o Deus criador, ao mesmo tempo que é, por extensão, o próprio leitor da obra, que vai descortinando significados em cada parágrafo e apropriando-se também da linguagem vai construindo o mundo. Martim insurge-se contra a escuridão e busca pelo conhecimento ao se apropriar da linguagem; assim o faz o escritor e o leitor que dão sentido ao texto, no processo de escrita e leitura, que é um trabalho de sujeitos ativos que significam e constroem também a sua evolução.

1 Linguagem e trabalho de criação em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector

Um homem em fuga depois de ter acreditado que matou a esposa, esse é o mote que serve à Clarice Lispector, em seu romance *A maçã no escuro*, ao discorrer acerca da real condição humana frente ao mundo, de questionamentos do ser perante a existência, das relações do sujeito com a linguagem e de ambos com o mundo, formando uma tríade orgânica que vem de encontro às inquietações da pós-modernidade, em que o sujeito se vê perdido, deslocado, afoito, sempre fugindo de algo e em busca de alguma coisa, principalmente ansioso por entender a si mesmo.

Do mesmo modo o leitor sente-se deslocado ao deparar-se com a complexidade introspectiva de Clarice Lispector, sempre a desafiá-lo a cada linha da narrativa com sua escrita provocadora, incitante. A leitura na narrativa de Lispector requer um leitor

eminentemente ativo e atento, como Tzvetan Todorov (2009) supõe que deva ser todo leitor. Ao se referir ao processo da escrita literária o filósofo observa:

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita ao leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre, ao mesmo tempo que o incita a tornar-se mais ativo. Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial [...]. (TODOROV, 2009, p. 78).

Esse choque do leitor ao contato com a vigorosa narrativa de Clarice Lispector é a mesma que tem o personagem Martim, na empreitada de reencontrar-se, questionando-se a si próprio e os valores que deixa para trás, em sua fuga rumo ao desconhecido. É a linguagem o empecilho ou a solução a encarar o leitor e incitá-lo a decifrá-la, que o faz mais ativo, assim como Martim, no seu ato/crime/pecado, através do qual passou de objeto passivo a sujeito questionador, criador.

Os sentidos de Martim foram abalados após seu crime. A partir de então o personagem inicia toda uma sequência de descobrimentos. É típico do romance, enquanto epopeia moderna esse questionamento do sujeito, esse embate constante com o mundo. “O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência.” (LUKÁCS, 2000, p. 91).

É o que ocorre com Martim, ao sair ao descampado do mundo. Sua fuga desabalada ocorre na surdina da noite, período em que há uma calmaria em tudo, onde o silêncio impera e há o recolhimento propício à reflexão, pois quando se para, de repente e se distancia da agitação é que o sujeito se afasta e se despe de suas máscaras, possibilita o recolhimento ao fundo de si mesmo para pensar e repensar na vida, nas suas ações, rememorar o passado e projetar o futuro.

Não à toa Martim abandona as paredes sólidas do hotel em que está e se lança ao vazio do descampado, procurando afastar-se de seu passado, (o paraíso divino) até então

tranquilo e linear, pois há no vasto campo uma possibilidade de pensar com maior liberdade, de refletir e utilizar a palavra para reconstruir-se, questionar os valores e convenções do mundo e a si mesmo, questionamentos que não são só seus, mas, por contiguidade, de toda humanidade, trazidos à tona pela força da linguagem, da palavra. Segundo Paul Ricoeur (1968),

a palavra desdobra em múltiplas direções o aflorar à consciência e a expressão de si mesmo, direções essas que de passagem esboçamos: a palavra imperativa pela qual me decido, pronunciando um julgamento em minha confusão afetiva; palavra dubitativa pela qual me interrogo e me coloco em questão; a palavra indicativa pela qual me considero, me verifico e tal me declaro; mas também palavra lírica pela qual canto os sentimentos fundamentais da espécie humana e da solidão. (RICOEUR, 1968, p. 214).

Além disso, a noite da fuga descrita no romance é uma noite negra, que impede totalmente a visibilidade, ao mesmo tempo em que se caracteriza como momento ideal para sair na surdina, sem ser percebido, mas também condição que impossibilita visualizar as coisas, acarretando tateações a esmo, o que faz com que o personagem até tente trilhar uma linha reta, imaginária, mas acaba perdendo-se e segue um caminho sinuoso, como é a vida moderna, esquizofrênica, cheia de ondulações, assim, ele chega a determinada altura ao ponto de não saber onde está, apesar de projetar mentalmente um caminho.

Martim é como o personagem bíblico Adão, entretanto, seguindo um movimento inverso, deixando a civilização à procura do paraíso. Nesse ato ele vagueia pela noite até encontrar-se, ao clarear do dia no cume de uma montanha, onde avista um sítio, local em que trabalhará por algum tempo, se relacionará com as duas primas que moram lá, Vitória e Ermelinda, até ser descoberto e preso. Do hotel à prisão, pode-se traçar o caminho da personagem do romance. Ele insurge-se metaforicamente contra a falsa moral da sociedade; em fuga alcança uma liberdade momentânea fora da linguagem, despe-se do verbo para construir seus questionamentos e conhecimentos a partir do nada, recriar-se, nascer. Atinge o alto da montanha e volta a descer ao sítio que avistara lá de cima. Assim, perfaz um roteiro totalmente humano de nascimento/ vida/ morte ou crime/ fuga /prisão; surgimento/ ascensão/ queda.

O suposto crime cometido por Martim foi o estopim para que ele viesse a se descobrir a abrir caminho para uma autorreflexão, uma autorreflexão difícil, que o está inquietando a todo momento, como se pode notar, entre outros momentos na narrativa, no seguinte excerto:

[...] no seu trabalho de construção da realidade havia em desfavor de Martim a novidade das coisas não serem mais óbvias; ele esbarrava a cada momento. Contra si, também, havia a consciência do tempo preciso. Embora Martim tivesse uma grande vantagem: se a vida era curta, os dias eram longos. Ainda a seu favor ele tinha o fato de saber que devia andar em linha reta, pois seria pouco prático perder o fio da

meada. A seu desfavor tinha o perigo à espreita: é que havia um gosto e uma beleza em uma pessoa se perder. A seu desfavor tinha ainda o fato de entender pouco. Mas sobretudo a seu favor tinha o fato de que não entender era o seu limpo ponto de partida. (LISPECTOR, s/d, p. 122 e 123).

O inquietante não entender é que permite a Martim os questionamentos, as perguntas, fatos, que são o que sobremaneira movem o humano e o mundo. Assim, o livro *A maçã no escuro* retoma o Gênesis bíblico, o início, a criação do homem. Dividido em três partes, a obra de Clarice Lispector faz alusão direta à bíblia. Na primeira parte, intitulada *Como se faz um homem*, há o crime e a expulsão do homem, que passa a partir disso a viver na adversidade e na dúvida. O homem se fez pelo verbo, pela palavra, pelos seus questionamentos. Sem o crime não haveria o que se questionar, pois tudo, estável até então, era perfeito, metaforicamente um paraíso de felicidades, por isso o personagem faz do seu crime um “ato”, um salto para a liberdade. É a queda do homem, a expulsão do paraíso e a então criação de si por si mesmo.

Um crime que foi um grande pulo, um ato ao vertiginoso, ao desconhecido, com intenção de conhecer-se a partir desse ponto de rompimento com Deus, com a civilização:

“Crime”? Não. “O grande pulo” – essas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho. Seu crime fora um movimento vital involuntário como o reflexo do joelho à pancada: todo o organismo se reunira para que a perna, de súbito incoercível, tivesse dado o pontapé. E ele não sentira horror depois do crime. O que sentira então? A espantada vitória. (LISPECTOR, s/d, p. 29).

Na perspectiva cristã foi um erro cometido pelo homem original, o fato de ele comer do fruto proibido, condenando para sempre toda sua prole posterior, ou seja, a humanidade, às adversidades, males e castigos. Por outro lado isso possibilitou ao homem construir a diversidade e transformar o mundo. De acordo com Nietzsche (2000),

O *erro* tornou o homem profundo, delicado e inventivo a ponto de fazer brotar as religiões e as artes. O puro conhecimento teria sido incapaz disso. Quem nos desvendasse a essência do mundo, nos causaria a todos a mais incômoda desilusão. Não é o mundo como coisa em si, mas o mundo como representação (como erro) que é tão rico em significado, tão profundo, maravilhoso, portador de felicidade e infelicidade. Essa conclusão leva a uma filosofia da *negação lógica do mundo*: que, aliás, pode se unir tão bem a uma afirmação prática do

mundo quanto a seu oposto. (NIETZSCHE, 2000, p. 37. Grifos do autor).

Nas palavras de Nietzsche, o erro propicia o pensar, desenvolve o raciocínio, pois há uma ruptura, instabilidade que intranquiliza, incomoda quando ocorre e nesse processo se afina a busca pelo acerto. A partir do erro é que ocorrem as transformações profundas no indivíduo.

Na segunda parte, intitulada *Nascimento do herói* é quando ele percebe a potencialidade da palavra: enuncia; e começa a se fazer humano, se conhecer e a construir o mundo e estabelecer relações pelo poder da linguagem. O homem se faz o que é pela utilização da língua, constrói, explica e nomeia tudo pela força das palavras. Então, Martim faz-se herói quando começa a se questionar e a interagir por meio da linguagem. Segundo Nietzsche,

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos, o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as

coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência
(NIETZSCHE, 2000, p. 21. Grifos do autor).

A partir da utilização do verbo o homem tornou-se senhor do mundo, ao nomear as coisas, impôs-se acima de tudo, estabelecendo relações de poder, opressão e injustiça, justamente pela sua falsa modéstia ou falta de modéstia, bem como a impaciência e a inquietação, como se nota no excerto abaixo, quando o homem (Martim), após a fuga na noite, sentado numa pedra, começa a afastar-se do divino e a se descobrir como mortal, revelando os vícios característicos inerentes de sua humanidade:

Nem se deu conta de que já era totalmente diferente daquele homem que olhara o terreno de madrugada. Não se deu conta de que, mudando tantas vezes a posição das pernas, estava tendo a sua primeira impaciência, ao olhar esse mundo pronto para ser caçado. Obscuramente, inquietava-se por começar a se sentir superior às plantas, e por sentir-se de algum modo homem em relação a elas. Pois só o homem era impaciente: ele então mudou de novo a posição das pernas. E mais: só um homem se orgulhava da apropriada impaciência. Como ele, mudando de novo a posição das pernas, perturbadoramente se orgulhou. Era uma vaidade generalizada que as vezes o tomava, e que ainda não se embaraçava por existir ao mesmo tempo que a prudência em não arriscar além da sonolência asseguradora do terreno do depósito. Asseguradora mas já não suficiente. O homem estava incomodamente crescendo. (LISPECTOR, s/d, p. 79 e 80).

Como visto, o homem foi evoluindo através da história, de um modo incômodo, cada vez mais problemático e buscando ampliar horizontes, em todos os sentidos de sua existência. Assim, Martim, inquieto, metaforiza o início da humanidade, com a inquietação e a impaciência, como molas propulsoras que incitam à evolução.

Este gérmen de ânsia em se destacar e construir rede de relações totalizantes, cada vez mais complexas, diminuindo distâncias, culminou, na pós-modernidade, com o que Frederic Jameson (1985) chama de sujeito esquizofrênico, ou seja o sujeito eternamente preso ao presente, fruto da morte total do homem cartesiano. É o caso de Martim, que deixa sua comodidade para viver de inquietações.

Na última parte da narrativa, intitulada *A maçã no escuro*, há todo um jogo entre as personagens. A maçã é altamente simbólica nesse sentido (como em todo o livro) porque metaforiza o pecado e a conseqüente condenação. A fruta simboliza conhecimento e liberdade. Liberdade que Martim necessitou para buscar

autorreconhecimento e “descortinar” o mundo. Martim não se desvencilha do passado. A fazenda, reduto final da jornada do personagem, local de certo modo isolado da cidade e que, com sua vivência ali ele vai “descortinando” o mundo é como um cárcere que ele não pode deixar. Ali ele vive encerrado no trabalho duro, um castigo, se nos reportarmos novamente à bíblia, pois o homem, expulso do paraíso, onde vivia na serenidade e na ociosidade, teria que ganhar o pão com o próprio esforço e suor.

A estadia de Martim no sítio de Vitória e o trabalho do mesmo contribuiu para a transformação do lugar. Martim, disse às primas, Vitória e Ermelinda que era engenheiro, alguém que por função, engenha, modifica, dá forma, e, de fato, vai transformando o sítio, assim como a si mesmo e a vida das sitiantes, que são tocadas pela presença do desconhecido ali.

Logo nos primeiros dias sentiu-se que havia um homem no sítio. E também se poderia adivinhar que quem mandava era uma mulher: pois apesar da ameaça de seca e das necessidades fundamentais daquela tentativa pobre de fazenda, o que de repente mais preocupava Vitória era a aparência do sítio. Como se até a vinda do homem ela não tivesse percebido o desmazelo das terras, encarniçava-se agora em transformá-las. Parecia ter à frente a data certa de uma festa antes da qual tudo deveria estar pronto. Uma febre de precisão a tomara. E as minúcias a que descia lembravam uma mosca se lavando. Na manhã alta, eis que ela apontava a cerca torta. E a força calma do homem desentortava a cerca. De muito longe Francisco, cismarento é céptico, viu a mulher apontando a desordem dos raros canteiros – e sorrindo viu que em silêncio Martim cavava, limpava, podava. Entre Martim e Vitória estabeleceu-se uma muda relação já mecanizada e em pleno funcionamento: constituída de coincidência da mulher querer mandar e dele aquiescer em obedecer [...]. (LISPECTOR, s/d, p. 81 e 82).

Como visto, a presença de Martim no sítio transformou-o em profundidade, o homem entregou-se ao árduo trabalho, fazendo os serviços mais rudes e difíceis, o serviço mais bruto, braçal, conforme já dito, castigo divino pelo seu crime/pecado.

O ato de transformar relaciona-se, além do trabalho, também à criação artística e literária. Assim, Martim se faz à imagem e semelhança de Deus e também do artista, porque cria, modifica e ao fazê-lo, vai se modificando igualmente. Essa transgressão e transformação do mundo, operada pelo homem, ocorre essencialmente pela linguagem e

pelo trabalho. Ambos estão correlacionados, conforme salienta Paul Ricoeur (1968) ao observar que

O trabalho de certo modo envolve a palavra, de vez que falar é também um esforço mais ou menos penoso, e mesmo um ofício, produtor de efeitos uteis respondendo às carências de um grupo, ainda que como etapa da produção das coisas. Mas o essencial da linguagem escapa à natureza do trabalho: *a palavra significa, mas não produz*. O termo da produção é um efeito real, o da palavra um sentido apreendido. Além disso, a palavra é sempre, até certo ponto, *gratuita*; nunca se pode estar certo de que uma palavra seja útil; pelo fato de pesquisar, ela desperta carências, renova utensílios; mas também se pode bastar a si mesma nas axiomáticas; a palavra verifica, interroga; invoca. Também pode falar para nada dizer, tagarelar, mentir e enganar, e enfim delirar [...]. (RICOEUR, 1968, p. 214. Grifos do autor).

Linguagem e trabalho estão diretamente relacionados à vida humana, são operações transformadoras da existência. Martim realizava as tarefas braçais do sítio e também se debruçava epistemologicamente sobre sua condição existencial. Este pensar autorreflexivo é também um trabalho e um meio pelo qual vão desdobrando-se as relações do homem consigo mesmo, mas também com o outro, pois o homem se caracteriza como sujeito justamente a partir das relações interpessoais.

O dia de chegada de Martim ao sítio é bem significativo: o domingo, o primeiro dia, dia do começo, do início da criação e transformação. É a possibilidade do recomeço, do desligamento entre criador e criatura. Como já dito, Martim foge à noite, período de trevas, incertezas, mas que remete também à esperança do porvir, de novas possibilidades. Notamos então, mais uma vez a relação com a bíblia: o ato da criação do homem e posterior rebelião ou liberdade deste; o seu crime/pecado.

O dia e a noite são enfaticamente evidenciados no romance. Há toda uma alternância significativa entre esses dois períodos. A noite: da fuga, das reflexões de Martim, da chuva, do encontro amoroso com Ermelinda, cujo nome também é simbólico, pois remete a ermo, escondido. O dia: período do trabalho, dos colóquios com as primas; da visita do professor; do esclarecimento do suposto crime; da prisão. Note-se o cenário da fuga de Martim, a plena noite escura:

Sempre, além do chão que os passos alcançavam, era a escuridão. Já

caminhara horas, o que pode calcular pelos pés grossos de cansaço. Só descobriria onde se delineava o horizonte quando o dia raiasse e dissolvesse as brumas. Como a escuridão ainda se mantinha tão colada aos olhos inutilmente abertos, terminou por concluir que escapara do hotel não de madrugada, mas em plena noite. Tendo dentro de si o grande espaço vazio de um cego, ele avançava. (LISPECTOR, s/d, p 14).

Igualmente, há a presença da noite, agora chuvosa, no encontro amoroso de Martim com Ermelinda no depósito de lenha:

[...] ela se grudou a ele no escuro, aquele homem grande e molhado com cheiro de azinhavre, e era estranho e voraz estar abraçada sem vê-lo, apenas confiando no ávido sentido de um tato desesperado, as ásperas roupas concretas, ele parecia um leão de pelos molhados – seria ele o algoz ou o companheiro? Mas no escuro ela teria que confiar e fechou intensamente os olhos, entregando-se toda ao que havia de inteiramente desconhecido naquele estranho, ao lado do mínimo conhecível que era o seu corpo vivo – ela se colou àquele homem sujo com terror dele, eles se agarraram como se o amor fosse impossível. Não importava sequer fosse ele um assassino ou um ladrão, não importava a razão que o fizera cair no sítio, há pelo menos um instante em que dois estranhos se devoram e como não gostar dele se de novo ela o amava? – e quando a voz dele soou em grunhido no escuro, a moça se sentiu salva, e eles se amaram como casados se amam quando perderam um filho. (LISPECTOR, s/d, p. 215).

Esses dois excertos são exemplificadores, de certa maneira quanto à simbologia da noite no romance clariceano. A noite representa um duplo aspecto, conforme ressaltam Chevalier e Gheerbrant (2006):

A noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação da vida. Ela é rica em todas as virtualidades da existência. Mas entrar à noite é voltar-se ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as ideias negras. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006, p. 640).

O escuro da noite liga-se intimamente à maçã, símbolo do conhecimento e da liberdade, o qual está, por sua vez, destacado já no título da obra: *A maçã no escuro*. Representa, por outro lado, o pecado, o proibido, por isso toda relação entre o romance

e a bíblia. Há forte intertextualidade e simbologia nesta obra com o livro do *Gênesis*. Clarice Lispector sempre volta-se, introspectivamente ao primitivo, ao mais recôndito do humano, aos primórdios da existência do homem; neste caso, a própria criação dele por ele mesmo, por meio da linguagem, constituindo-se assim, senhor do mundo.

Considerações finais

A obra apresentada neste artigo tem grande importância dentro do modernismo brasileiro justamente pelo diferencial de sua linguagem introspectiva e filosófica, que faz o leitor questionar-se ao se deparar com tal narrativa. Ela volta-se para o próprio ato de utilização da linguagem e a relação desta com a criação do sujeito e do mundo. Faz a partir de pequenos motes, não a contação do mundo pelas personagens, mas a criação do mundo através deles.

A maçã no escuro remete à criação do homem e sua queda; sua transformação e transformação do mundo, operada pela linguagem e também pelo trabalho. Há no romance todo questionamentos do ser e do mundo e isso ocorre pela transgressão das normas sociais e morais, por isso a remissão à bíblia, o rompimento do homem com Deus e a reconstrução do mundo por si mesmo, tornando-se sujeito ativo do processo criador.

A fuga permite ao homem deixar o passado. Isolando-se das amarras que o prendiam ao já vivido, pode questionar-se e, pela dúvida, construir-se, nomeando tudo e, através disso, estabelecer relações e laços com o outro, tornando-se senhor do mundo ao passo que ia descobrindo o poder da linguagem, o poder de enunciar. Assim, a narrativa de Lispector revolve o processo de criação do homem, bem como o próprio processo de criação literária: Martim é o criador, o homem, o Deus, o escritor, que descortina o mundo pela linguagem.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain [et al]. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In: *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n.12, p. 16-26, jun. 1985.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Col. Espírito Crítico).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Tradução de F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.